

Padre Marcelo Rossi

# BATISMO DE FOGO

Conheça a força da superação divina



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Marcelo Rossi, 2020  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020  
Todos os direitos reservados.

"Todas as citações bíblicas foram retiradas da *Bíblia Sagrada Ave-Maria* da Editora Ave-Maria. Todos os direitos reservados."

*Organização de conteúdo:* Luiz Cesar Pimentel  
*Preparação:* Thiago Fraga  
*Revisão:* Renata Mello, Nine Editorial e Departamento editorial  
da Editora Planeta do Brasil  
*Projeto gráfico e diagramação:* Maria Beatriz Rosa  
*Capa:* Departamento de criação da Editora Planeta do Brasil  
*Foto de capa:* Martin Gurfein

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rossi, Marcelo  
Batismo de fogo: conheça a força da superação divina /  
Padre Marcelo Rossi. – São Paulo: Planeta, 2020.  
144 p.

ISBN 978-65-5535-135-4

1. Rossi, Marcelo, 1967 – Narrativas pessoais 2. Espírito  
Santo 3. Fé 4. Superação I. Título

20-2652

CDD 242

Índices para catálogo sistemático:  
1. Literatura devocional

## Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro e Fira Sans e impresso pela Gráfica Santa Marta para a Editora Planeta do Brasil em agosto de 2020.

2020

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação  
São Paulo – SP CEP 01415-002  
www.planetadelivros.com.br  
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Carta ao leitor ◊ 7

1. O mal tentou me derrubar ◊ 9

2. Esteja aberto para o encontro  
com o Espírito Santo ◊ 21

3. O mal está à espreita ◊ 36

4. O bem que recebemos ao  
proteger nossa mente ◊ 48

5. Combata a inveja com gratidão ◊ 55

6. Seja como Jesus ◊ 67

7. Volte ao primeiro amor ◊ 77

8. Tripé da fé ◊ 91

9. Maria passa à frente e pisa na  
cabeça da serpente ◊ 103

10. Suicídio ◊ 113

11. Relatos de quem presenciou ◊ 123

12. O fim é sempre um começo ◊ 134

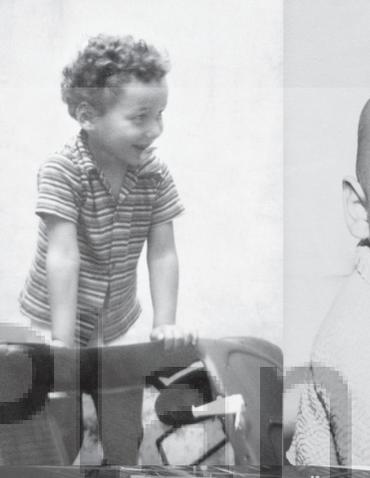
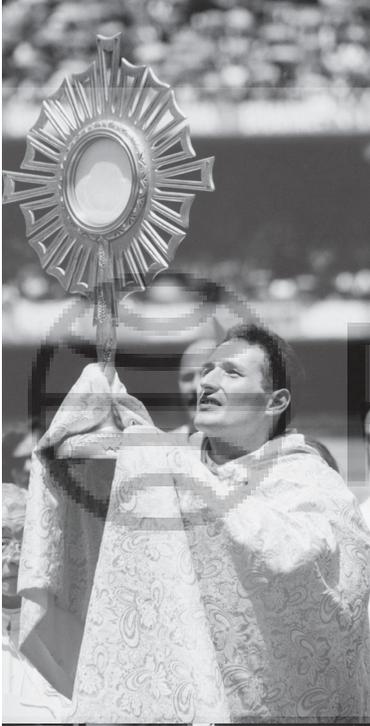
Bibliografia ◊ 144



Planeta



DIREITO ANTICIPADO PARA DIVULGAÇÃO - FENIX PROIBIDA



# O mal tentou me derrubar



A dor que sentia naquele momento era a mais forte que já havia tido em toda a minha vida. Tão forte que não conseguia pensar racionalmente em mais nada.

Segundos antes, eu estava no palco celebrando a missa para mais de cem mil jovens e agora, no chão, tudo o que ocupava a minha mente era a dor. Terrível a ponto de eu não conseguir sequer determinar de onde ela partia em meu corpo.

Já tinha passado por sensação de morte iminente, mas esse não era o caso. Durante o delírio de dor, tive flashes de quando, em meu oitavo dia como padre, em 1994, estava dirigindo e recebi uma fechada de outro carro, que, no susto, me fez acelerar e bater, de frente, em um poste. Tamanho foi o impacto, que arranquei parte do volante do carro com as mãos. Quando isso aconteceu, como é comum as pessoas relatarem, a vida inteira passou como um filme pela minha cabeça e perdi completamente a noção do tempo, mesmo sem perder a consciência. Somente horas depois notei que estava em estado de choque, em uma espécie de ausência.

Mas não era isso o que sentia desta vez.

No chão, após uma queda de mais de dois metros de altura, não tive pressentimento de morte, não entrei em estado

alterado de consciência, nada. Tudo o que me consumia era a dor. E um sentimento de carinho, como a ternura de mãe.

Aos poucos fui montando as peças do quebra-cabeça do que havia acontecido, mas isso era menos importante do que a pergunta que começou a se desenhar: o que o Senhor queria com aquilo?

Ali e nos dias que se seguiram comecei a enxergar todas as peças que levaram àquela situação.

Tenho a visão periférica muito boa. Além do meu foco frontal, sempre visualizo bem as coisas que estão dos meus dois lados no campo visual. Apenas quando entro na parte da consagração na missa, meu foco centraliza e perco a visão lateral. Era justamente sobre isso que eu estava falando com os jovens quando tudo aconteceu. Contava-lhes que, desde a ordenação sacerdotal, minhas mãos não eram mais minhas, mas as de Jesus. Por meio delas, é Ele quem realiza os sacramentos e torna o pão e o vinho em Seu corpo e sangue. Ao presidir as celebrações, o sacerdote age *in persona Christi* (“na pessoa de Cristo”, em latim).

Eu estava na pessoa de Cristo, mostrando minhas mãos para os jovens, vulnerável por completo.

Como a missa era na Canção Nova, em Cachoeira Paulista, comunidade que é minha casa também, fiquei totalmente confortável para ir até a beirada do palco, que é particularmente alto para que todos tenham boa visão dele.

O evento era enorme, e, além dos cinco seguranças do local, a pessoa responsável pela minha queda driblou outros cinco seguranças que acompanhavam o vice-governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, presente no local.

Se um dos padres me alertasse do perigo que vinha por trás, certamente, por instinto, eu teria me virado e abraçado a tal pessoa. Só que tudo o que era improvável aconteceu como em efeito dominó. Pois tinha que acontecer. Nenhum segurança a notou, não fui avisado pelos padres nem pelas outras pessoas presentes no altar.

Eu estava no chão, e minha preocupação começou a crescer e ficar dividida entre duas possibilidades de maior gravidade. A dor poderia estar vindo da minha cabeça por eu tê-la batido no chão, e a consequência futura disso seria bastante delicada. Ou ela poderia estar partindo da minha coluna, o que igualmente resultaria em estado delicado. Tenho discopatia degenerativa, que é quando os discos da coluna vão perdendo a propriedade de absorção de impacto e que, além de causar fragilidade à estrutura que me sustenta, pode acarretar um problema sério de locomoção.

Ou seja, um tombo de quase dois metros e meio, sem estar minimamente preparado para o impacto, era tudo de pior que poderia me acontecer. Mas aconteceu, e eu continuava tentando decifrar onde doía. Só que nada me apontava essa resposta. Assim, o melhor que me parecia ser feito era continuar no chão.

Nem os olhos eu abria, pois, nessa batalha mental de tentar absorver tudo o que acontecia, se eu olhasse e desse atenção para o que me falavam ou me recomendavam, dispensaria a avaliação da conjuntura.

Depois de passado o susto, soube que levei cinco minutos para responder à brigadista que foi me socorrer e pedi, por favor, para ela não me tocar quando tentou me movimentar.

Dois minutos depois, outra brigadista chegou perto e pediu em voz alta para buscarem uma maca para me removerem.

Nesse momento, o Senhor falou comigo, e tive a noção de que se eu saísse dali o inimigo ganharia.

Foi quando abri os olhos e me levantei.

Meu primeiro movimento, já em pé, foi o de me alongar, para buscar a sensação física de órgãos e membros com os quais eu poderia contar, pelo menos.

Percebi que a raiz da sensação angustiante não era na coluna nem na cabeça, mas provavelmente nas pernas. Essa cadeia de raciocínios

foi tão rápida que a próxima ação que bolei mentalmente foi a de subir de volta ao palco.

Então firmei as duas mãos na beirada do tablado e fiz como uma subida de exercício de barra para voltar ao lugar de onde tinha caído.

Novamente em pé e com microfone na mão, apoiei-me no missionário Dunga e comecei a sentir espasmos musculares da dor. Ouvi uma voz interna que me recomendou sorrir como nunca; afinal, os jovens estavam obviamente assustados e precisavam de uma demonstração de que o mal não tinha vencido aquela batalha.

Não quis nem saber quem tinha me empurrado para o chão.

O instante em que parecia ter entrado em um túnel de vento e despencado era passado. Aquela sensação de uma lufada de ar no rosto ficaria na minha memória, parecida com a experiência que tive ao saltar de asa-delta e o momento em que tirei os pés do chão e me atirei da pedra.

“Maria passa à frente e pisa na cabeça da serpente” foi a frase que disse em voz ainda mais alta e que representava aquele momento.

É uma frase que eu há bastante tempo, mas que naquela semana em especial tinha ganhado novo significado para mim, a ponto de eu ter anunciado em meu programa na rádio que os próximos dias seriam dedicados à Nossa Senhora, sob aquele lema.

Era fim da tarde na cidade do Vale do Paraíba, que fica a cerca de duzentos quilômetros de São Paulo.

Ainda naquela manhã, durante a missa das 9 horas, realizada no Santuário Mãe de Deus, na capital, pela primeira vez pedi a intervenção dos presentes e me ajoelhei para rezarmos juntos uma Ave-Maria. Logo depois, chorei de emoção.

Isso nunca tinha acontecido antes.

Entendi que o Senhor me usaria de maneira diferente naquele dia, na comunidade Canção Nova. Só não sabia qual seria essa mudança.

Precisou que eu fosse jogado do palco e – soube por testemunhas – batesse com o ombro esquerdo em um tablado no chão,

rodopiase o corpo sobre a estrutura e aterrissasse com a cabeça em um canto do piso, as pernas sobre uma estrutura de ferro, para que percebesse.

Quando você assiste ao vídeo desse momento, nota que caio lá de cima, sumo do campo de registro da câmera e minha perna estranhamente sobe de volta. Foi justamente a batida dela na estrutura de ferro que causou aquela dor fortíssima.

Na sequência do vídeo, a mulher que me empurrou ainda desce um patamar e profere: “Vou terminar”. Dá para ler os lábios dela, referindo-se à conclusão do que seria a missão maligna.

Ela foi contida, finalmente, e parte do episódio foi encerrada.

Ainda não era o fim daquele dia tão surpreendente e revelador, que começou da maneira habitual.

Aos domingos, celebro a missa, com transmissão pela Rede Globo, pouco antes das 6 horas. Por causa do compromisso cedo, pouco durmo nas noites de sábado e faço vigília. Aproveito para fazer minha oração pessoal diária, que é um momento de intimidade com Jesus, essencial para o meu viver e para minha vocação.

Celebrei com muito amor a missa que abriu aquele domingo de 14 de julho de 2019.

Na missa seguinte, comentei que mais tarde estaria em Cachoeira Paulista, onde encerraria o evento que a comunidade católica realizava especialmente para os jovens.

A sede da Canção Nova estava linda, com mais de cem mil jovens que participavam do fim de semana com o tema da “armadura do cristão”, símbolo de que todos podem e devem ser guerreiros na luta contra o pecado e pela prática do bem.

A missa era a de encerramento do PHN (Por Hoje Não vou mais pecar), que é o movimento de combate ao pecado entre os jovens.

Tudo aconteceu no maior espaço da comunidade, o Centro de Evangelização Dom João Hipólito de Moraes, que tem capacidade para receber setenta mil pessoas.

O local é enorme, mede 120 metros de comprimento (é dez vezes maior do que um campo de futebol, para se ter ideia da dimensão) e estava completamente tomado por jovens.

Segundo a Polícia Militar, havia mais de cem mil, já que ocupavam todos os lugares e sobravam para fora do espaço coberto.

Fiquei muito tocado em ver Deus mobilizar essa geração, que tanto precisa Dele, em uma época que parece que todos os meios são usados para afastar os nossos jovens da fé. Eles são o futuro da Igreja, e eventos como esse mostram que estamos no caminho certo para aproximá-los de Deus.

Conduzi a missa com essa alegria e, retornando ao momento da homilia, que é quando explico um texto sagrado ou abordo um tema específico, comecei a contar a história do vaso reconstruído com fios de ouro.

Ela traz uma mensagem muito bonita e de esperança, justamente a verdade que os jovens precisam escutar sempre que possível, para lembrá-los de que quem permanece na fé nunca é desamparado.

Trata da importância de reconstruirmos a cada falha, a cada erro, o nosso caminho. Quando você escolhe um caminho que quebra ou causa dano ao seu vaso (à sua vida), não significa que tudo está perdido. Se você optar por refazer o seu vaso com fios de ouro, ele não manterá apenas seu propósito e sua missão, mas também terá ainda mais força e valor.

Assim é a vida.

A cada tropeço, a cada queda, temos que olhar para esse vaso que Deus nos deu e reconstruí-lo com fios de ouro, para que fique ainda mais forte e mostre que nada pode nos trazer a ideia de que um erro tem o poder de acabar conosco.

Uma vez remodelado esse vaso, as marcas que ficaram não são motivos de vergonha. Pelo contrário, são sinais de que o erro trouxe consequência, trouxe uma cicatriz, e de que somos inteiros nas

mãos de Deus – nossa vida é uma peça completa dada por Deus, e as marcas são apenas o símbolo da Sua força que nos cura nessa trajetória.

Tudo isso que eu estava falando tornou-se, de repente, uma realidade em mim mesmo. Naquela mesma pregação, enquanto eu falava sobre a consagração e sobre Jesus que utiliza as mãos do sacerdote, formou-se uma cicatriz na minha história: o empurrão, a dor, a avaliação de tudo que estava acontecendo enquanto permanecia no chão. Mas o arremate foi feito com fio de ouro: o chamado de Deus para retornar ao palco e mostrar que o mal não tem o poder de acabar conosco enquanto estivermos vivendo pela fé e sob a proteção de Deus.

A força inexplicável que senti vinha da percepção de que tudo se encaixava.

Todos nós estamos suscetíveis a ataques mal-intencionados (como o que tinha acabado de me acontecer), mas Deus nos protege e nos dá forças sempre.

Na sequência da homilia, eu falaria justamente da dor que as situações da vida podem causar, mas que temos a força divina ao nosso lado para suportar e mostrar que em Deus somos imbatíveis, assim como na história dos vasos reconstruídos com fios de ouro.

Nós temos o poder de tudo superar, e as adversidades tornam mais fortes aqueles que se amparam em Deus e no exemplo de Jesus Cristo.

Foi quando peguei o microfone de volta e o Espírito Santo falou por mim. Ao subir ao palco, uma das recomendações que ouvi foi de que eu deveria ir a uma delegacia fazer um B.O. (Boletim de Ocorrência).

O Espírito Santo me falou e eu disse o seguinte no microfone: “Amados, eu não sei quem me empurrou nem quero saber. Só peço que, por favor, não façam nada com essa pessoa. Eu perdoo quem me fez isso. Disseram que eu deveria fazer um B.O. contra ela e eu

vou fazer esse B.O. Meu B.O. é Bíblia e Oração, que é o que sempre faço quando vou a uma capela. Peço que vocês façam o mesmo quando alguém lhes caluniar, falar mal de vocês ou fizer qualquer coisa contra vocês. Vão à capela mais próxima e façam um B.O. para aquela pessoa: Bíblia e Oração”.

Foi o momento em que percebi que muitos jovens foram tocados e ficaram emocionados. A sensação de que Deus me usaria de maneira diferente para a comunicação com eles foi essa. O missionário Dunga me abraçou, e, muito emocionado ainda, falei: “Se o inimigo achou que eu não iria falar, ele perdeu. E isso o deixa furioso. Maria passa à frente e pisa na cabeça da serpente!”.

Eu sabia que mais uma vez não era eu falando, mas o Espírito Santo falando em mim. Por isso terminei a missa normalmente. Sabia que não tinha quebrado nenhum osso, apesar de ainda sentir bastante dor. E, se havia algum osso quebrado em mim, fui curado no instante em que perdoei a autora daquela agressão.

Quando voltei para casa e falei com minha mãe, Vilma, e com o meu bispo, Dom José Negri, ambos pediram para que eu fosse fazer exames. Resolvi ir, mais para aliviar a preocupação deles, pois sabia que nada mais grave tinha me acontecido.

Esperei até terça-feira para ter margem de segurança, já que, se por acaso houvesse alguma lesão na cabeça, o tempo recomendado para observação e teste definitivo era de quarenta e oito horas.

No dia 16, realizei os exames, e os médicos simplesmente não acreditavam que eu tinha caído daquela altura e daquela maneira – empurrado pelas costas, totalmente despreparado – e não tinha quebrado nada.

Com base nos exames primários, suspeitaram que tivesse acontecido algo em minha escápula (a parte de trás e superior do tórax). Se ainda suspeitassem do ombro, já que tinha batido com ele no tablado ao cair, faria sentido, mas, de todo modo, realizei os exames, que não apontaram nada.

O médico que me atendeu coçou a cabeça e, por fim, disse que não tinha nada a ser consertado e me receitou arnica para a dor.

Estranhei, pois eu já tinha passado por momentos de bastante dor quando quebrei a perna ou quando tive crise ciática e usei muitos analgésicos.

Graças a Deus havia me livrado dos remédios. Mas me parecia pouco receitar um fitoterápico para a dor, algo feito de planta medicinal. Apesar disso, segui a recomendação médica e posso dizer que estou mais forte do que nunca.

Diante de tudo isso, não tenho dúvidas de que as palavras que falei no palco tinham sido provadas literalmente: Nossa Senhora passou à frente e pisou na cabeça da serpente.

O mal queria a minha morte naquele momento, mas Nossa Senhora não permitiu, e eu renasci. Diferentemente da história do vaso, desta vez eu não tive uma marca, uma “rachadura” sequer para consertar com fios de ouro. Nada que mostrasse imperfeição no que havia acontecido.

A marca que o empurrão trouxe foi a abertura de uma nova fase em minha vocação. Ganhei uma nova intrepidez para orar em línguas, para proclamar curas, para trazer o povo de Deus para a intimidade com Jesus.

Passados vários meses do ocorrido, a consequência foi que muitas pessoas voltaram à igreja. Gente que por um problema ou outro tinha se afastado da fé e que retornou porque testemunhou o poder de Deus.

Passsei pelo batismo de fogo e meu ministério triplicou de tamanho. O que me deixa ainda mais feliz é que muitos voltaram ao amor à Nossa Mãe Maria. A frase “Maria passa à frente e pisa na cabeça da serpente” virou oração de inúmeros fiéis, todos os dias, além de diversas lindas canções.

Como foi predito no Cântico de Maria do Evangelho de São Lucas:

“E Maria disse: ‘Minha alma glorifica ao Senhor, meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador, porque olhou para sua pobre serva. Por isso, desde agora, me proclamaráo bem-aventurada todas as gerações, porque realizou em mim maravilhas aquele que é poderoso e cujo nome é Santo’” (Lc 1,46-49).

A nossa geração está fazendo exatamente isso: proclamando Bendita Nossa Senhora.

O inimigo odeia Maria, porque em sua simplicidade, em seu jeito humilde de ser, ela acaba com a força do mal.

Era uma mensagem também para mim, pois por duas vezes em minha vida, anteriormente, havia me afastado da fé. Mas Deus é infalível e por duas vezes falou comigo e promoveu meu reencontro com o Espírito Santo. Até que, no dia 14 de julho de 2019, Ele falou comigo e através de mim de uma maneira nova.

Assim como agora sei que tenho a missão de contar mais sobre essas passagens, mais da minha história e de todas as provas que tive da onipresença divina e de seu poder absoluto, que me fizeram superar todos os obstáculos.

Vivemos, durante a elaboração deste livro, um momento de prova coletiva com a pandemia do coronavírus. O mal quis derrubar a todos, com ameaça de contaminação e prejuízos de todos os tipos – físico, propriamente dito, com os danos à saúde e ameaça de morte; emocional; financeiro, em trabalhos e emprego; na confiança nos outros. É mais um motivo para estarmos unidos espiritualmente e em atitudes, pois fortalecendo aos outros estaremos igualmente nos beneficiando, até que fisicamente possamos estar juntos de novo para celebrarmos a vida em todas as suas possibilidades.

A lição maior é de que tudo passa. E se você aceitar e buscar a companhia de Deus durante esses momentos de aflição, não apenas superará com maior tranquilidade como também sairá mais forte.

Falo com propriedade, pois minha história toda é uma prova disso. Como você vai constatar neste e nos capítulos a seguir.

## Oração

Jesus, primeiramente eu quero Te agradecer. Agradecer pelos livramentos que nós recebemos do Senhor todos os dias. Agradecer por nos livrar de tudo aquilo que o mal usa para atentar contra nós. Agradecer quando Nossa Senhora e os anjos da guarda nos socorrem.

Quero blindar cada um que está lendo este livro com o Sangue poderoso de Jesus.

O Senhor tem um plano para cada um de nós. Só que o mal não quer que cumpramos o nosso chamado, a nossa vocação.

Mas todo propósito de Deus é nos conduzir e a quem convive conosco para a intimidade com Deus, para fazer o bem.

O mal não quer o bem.

Só que nós, hoje, com a graça de Deus, assumimos nossa vocação como pessoas batizadas. Nós nascemos para sermos luz. Nós nascemos para semear o bem. Nós nascemos para uma vida rumo ao céu.

Dá-nos a graça de perseverar na fé, de quisermos ser pessoas melhores para os outros a cada novo dia.

Que Nossa Senhora passe à frente de tudo em nossa vida e pise na cabeça da serpente – da serpente do egoísmo, da serpente das fofocas, da serpente da inveja, da serpente da doença, da serpente de tudo o que nos afasta de Deus. Que Nossa Senhora possa pisar em todo o mal e sejamos pessoas liberas para viver um caminho de santidade, porque nascemos para sermos santos.

Santidade não é perfeição, santidade é comprometimento com Deus. É se deixar esvaziar de tudo o que vem de nós para ser preenchido com o Espírito Santo. É viver uma vida que quer agradecer somente a Deus e não às pessoas.

Santidade é levar uma vida com a consciência de que tudo neste mundo é passageiro.

Temos que investir em nossa fé, nas virtudes, em semear o bem, em pacificar os ambientes e deixar marcas do Eterno no outro.

Jesus, batiza-nos no Teu Espírito Santo, para que possamos, pela Força do Alto, viver uma vida nova, uma vida em que a fé seja o mais importante entre tudo que nos é importante.

Que possamos viver uma existência conforme a Tua Santa Palavra.

Obrigado, meu Deus.

E pelo poder a mim concedido pela Igreja como sacerdote, eu te abençoo no nome da Trindade Santa, para que sejas repleto dos dons do Espírito Santo e tudo em ti seja renascido para Deus.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Amém.



# Planeta